

Minicontos da acentuação gráfica.

Grapho, rei da ortografia, agora vai se ocupar da acentuação gráfica e tentar entender se as mudanças propostas pelo Acordo Ortográfico têm razões de ser. Quer também ver se encontra uma forma de facilitar a retenção do assunto, pois leu na quarta capa de um livro de que gosta muito o seguinte:

“Os estudantes passam boa parte de sua infância e adolescência na escola, mas esquecem noventa por cento do que aprendem. No Brasil, milhões de reais são gastos para sustentar um sistema escolar que desperdiça quase todos os conhecimentos que deveria transmitir.” (BYINGTON, Carlos Amadeu, *pedagogia simbólica*, Editora Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1996)

Resolveu começar pensando no motivo que vem sendo atribuído ao uso do acento gráfico. Ordinariamente vem sendo dito que o acento gráfico marca a sílaba forte (tônica) da palavra. Ele não discorda desse motivo, mas fica sempre com uma pulga atrás da orelha achando que o grande diferencial do acento gráfico deve ser outro. Ele acha que , na verdade, o que marca a sílaba tônica das palavras é a maior força expiratória que se emprega em determinadas sílabas e não em outras. A tonicidade é um fenômeno da língua oral que ocorre em todas as palavras. Em determinadas palavras acento tônico e gráfico coincidem, como em *cajá, táxi, lâmpada, saída*. Mas fica se perguntando: por que só determinadas palavras têm acento gráfico ?

Enquanto não responde a essa pergunta vai pensando sobre as mudanças ortográficas.

Miniconto 1- **Acentuação gráfica: classificação da palavra quanto à tonicidade**

Grapho, antes de se tornar o rei da ortografia, foi professor de português por muitos anos. Um dos maiores problemas que muitos alunos apresentavam e que dificultava a aprendizagem da acentuação gráfica era o aluno saber acentuar e classificar a palavra tonicamente. Teoricamente, ele percebia que os alunos decoravam que:

- a)- quando o acento tônico recai na última sílaba, a palavra é OXÍTONA;
- b)- quando o acento tônico recai na penúltima sílaba, a palavra é PAROXÍTONA;
- c)- quando o acento tônico recai na antepenúltima sílaba, a palavra é PROPÁROXÍTONA.

Mas na hora de descobrir, na prática, onde a sílaba forte caía, eles confundiam. Ele descobriu que era necessário trabalhar bastante essa capacidade. Pediu aos alunos que não tinham dificuldade em identificar a sílaba tônica das palavras para relatarem à turma que recursos usavam para realizar a tarefa. Alguns disseram simplesmente que percebiam a sílaba forte pronunciando a palavra. Outros disseram que “chamavam” pela palavra, por exemplo, baNAna e que ao chamá-la notavam a sílaba em que empregavam mais força expiratória. Outros disseram que escreviam a palavra colocando em letra maiúscula cada sílaba e colocavam mais força na que estava escrita com o tal tipo de letra. Por exemplo: BANana, baNAna, banaNA, a que correspondesse à real pronúncia da palavra seria a que estava com a sílaba mais forte grafada em maiúscula. O que Grapho quer enfatizar é que é necessário gastar-se um pouco de tempo realizando o exercício de detectar a sílaba forte da palavra. Ao seu ver, depois que os estudantes souberem fazer isso, será mais fácil classificar as palavras quanto ao seu acento tônico e conseqüentemente será mais fácil entender as regras de acentuação *gráfica*.

P.S.: Grapho também percebeu que os alunos iniciantes têm dúvida em detectar qual é a última, a penúltima e a antepenúltima sílaba das palavras. Ele aconselha que o professor diga a seus alunos que essa localização se conta da última para a antepenúltima, da direita para a esquerda. Ex.: **cabeça: -ça** é a última; **-be** é a penúltima; **-ca** é a antepenúltima.

Miniconto 2: *Acentuação gráfica: as proparoxítonas.*

Desde bem pequenino, quando ainda não era o rei da ortografia, Grapho achava a regra das proparoxítonas a mais fácil de ser memorizada. Ele acha que isso se deve ao fato de ela ser uma regra sem exceção, isto é, *todas as palavras proparoxítonas são acentuadas: lâmpada, cântico, límpido.* Uma coisa que ele achava também engraçado era o outro nome que davam às proparoxítonas. Elas também se chamam esdrúxulas. Há pouco tempo ele foi ver que esdrúxula quer dizer: “fora do padrão comum, esquisito, extravagante, excêntrico.” Ficou com aquilo na cabeça: por que as proparoxítonas seriam fora do padrão, esquisitas, extravagantes, excêntricas? Pensou: - Talvez aqui esteja uma pista para eu entender o verdadeiro porquê de se acentuarem graficamente as palavras. Na verdade, esse é o grande dilema que ele quer resolver. Mas adiou suas reflexões mais uma vez, porque veio a sua cabeça que, nessa regra das

proparoxítonas, se incluem aquelas palavras que terminam pelos ditongos crescentes : -*ea*, -*eo*, -*ia*, -*ie*, -*io*, *ao*, -*ua*, -*uo* como em *náusea*, *etéreo*, *enciclopédia*, *cárie*, *prédio*, *mágoa*, *nódoa*, *água*, *vácuo* respectivamente. O que sempre o intrigou foi o fato de elas terminarem em ditongo e poderem ser proparoxítonas. Ele sempre soube que os ditongos são compostos de uma vogal e uma semivogal ou vice-versa e que, por isso, formam apenas uma sílaba. Para ele essas palavras sempre lhe pareceram paroxítonas já que o ditongo forma uma sílaba só e a acentuação tônica conseqüentemente recai na penúltima sílaba, como em *cá-rie*, por exemplo. Foi então que ele intuiu dois pontos que poderiam justificar o fato de esse tipo de palavra se incluir entre as proparoxítonas:

- 1- para amenizar o impacto, elas são chamadas, na gramática, ou de *proparoxítonas aparentes*, ou *falsas proparoxítonas*. Os adjetivos *aparentes* e *falsas* indicam que elas não são proparoxítonas reais;
- 2- a separação de suas sílabas pode se dar de duas maneiras: a) com o ditongo crescente numa sílaba só como em *ig-no-rân-cia*; b) ou separando o ditongo em duas sílabas pelo fato de ele ser crescente, isto é, a vogal mais forte ser a última e por isso se impor sobre a outra como em *ig-no-rân-ci-a*. Isso criaria uma sílaba a mais possibilitando o recuo da sílaba tônica;
- 3- através de suas pesquisas pôde confirmar sua intuição com o texto da NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA publicado no Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa que já está conforme a nova ortografia que diz:

“ Nota- Os encontros ia-, -ie, -io, -ua, -ue, -uo, finais átonos, seguidos ou não de -s classificam-se quer como ditongos, quer como hiatos, uma vez que ambas as emissões existem no domínio da Língua Portuguesa: histó-ri-a e histó-ria; sé-ri-e e sé-rie; pá-ti-o e pá-tio; ár-du-a e ar-dua; tê-nu-e e tê-nue; vá-cu-o e vá-cuo.”

Grapho vem tentando encontrar motivos plausíveis para a interpretação dos gramáticos sobre certas ocorrências da língua. Vem fazendo esse esforço para tentar resgatar graus de sanidade dos estudos gramaticais que vêm sendo muito criticados. Grapho tem percebido que, apesar de disciplinadora e reducionista, a gramática tem um forte componente reflexivo em sua metodologia que garante uma certa coerência em seus estudos. Essa aparente oscilação de critérios confere um certo dinamismo à análise da língua, que é um objeto de estudo fugaz, vivo e dinâmico por excelência.

Miniconto 3: *As oxítonas.*

Outra regra que Grapho nunca achou difícil de memorizar e que também causava poucas dúvidas de uso aos seus alunos era a das oxítonas: ***acentuam-se as oxítonas terminadas em a,e,o,em seguidas ou não de -s: cajá(s),jacaré(s), cipó(s), armazém(éns).*** A seu ver, isso se dá por dois motivos. Um de ordem quantitativa: o número de terminações para serem retidas é razoavelmente pequeno, quatro apenas: *a,e,o,em*. O outro de ordem qualitativa: as vogais ***a, e,o*** sempre lhe pareceram importantes. Elas quase sempre são centro de sílaba em português. Engraçado, ele já não tem o mesmo tipo de sentimento pelo *i* e *u* talvez pelo fato de *i* e *u* serem semivogais por excelência. Ele sempre teve a sensação de elas serem uma espécie de vice-vogais. Coisas de rei da ortografia!

Mas voltemos às oxítonas. Grapho percebeu que essa regra tem um grande potencial gerador, por isso, no método que está elaborando a chamou de ***regra-mãe***. Se o estudante retiver aquelas quatro terminações, isto é, ***a,e,o,em***, ele poderá, num processo de associação, gerar todas as outras regras de acentuação gráfica. Foi por isso que ele decidiu escrever um conto para cada filha.

Miniconto 4: *A primeira filha.*

Oxítonas terminadas em a,e,o,em: terminações-chave para gerar as outras regras. As formas verbais oxítonas terminadas em ***a,e,o*** seguidas de ***lo,la,los,las*** devem ser acentuadas graficamente. Assim ***amá-lo, dançá-la, fazê-lo, compô-lo***. Como o Novo acordo considera os monossílabos tônicos oxítonas também, incluem-se nesta regra as formas verbais monossilábicas tônicas que terminam em ***a,e,o*** tônicos: ***fá-lo, dê-la, pô-la***. O que Grapho achou importante é que aquele breve número de terminações ***a, e, o, em*** tem muita rentabilidade mnemônica, isto é, através de um processo de associação vamos gerar todas as outras regras de acentuação gráfica. Esse grupo de terminações pode funcionar como uma espécie de âncora para a memória. Grapho crê que a língua portuguesa não é difícil de entender. Na sua opinião, o problema está em reter o que se estuda, por isso vive tentando encontrar maneiras de fazer os estudantes reterem o que estudam. E isso deve ser feito de forma econômica. É importante dizer que Grapho é a primeira cobaia do método. Ele mesmo estudando assim, percebendo essas relações reteve muito mais os assuntos que sempre estudou. Foi observando essa rentabilidade

mnemônica das oxítonas que ele sempre brinca dizendo que as oxítonas são as *estrelas*, as *vedetes* da acentuação *gráfica*.

Miniconto 5: *A segunda filha*.

Sempre à procura de eiras e beiras de ângulos e entradas para levar os estudantes a reter o que estudam, Grapho pensou: “ Como as terminações *a, e, o, em* das oxítonas é rentável para a memória!”. Então percebeu que uma outra regra pode também ser considerada filha da regra das oxítonas. Nessa, ele se arriscou, porque, no texto do Acordo, está dito que as formas eles *têm*, eles *vêm* (vir) são foneticamente paroxítonas e que suas antigas escritas “*eles têm*”, “*eles vêm*” eram usadas para se distinguir de *ele tem*, *ele vem*. Grapho, antes de se tornar o rei da ortografia, como já se disse antes, foi professor de português e deu aulas de acentuação gráfica por muitos anos. Foi nessa trajetória que ele sempre percebeu que seus alunos nunca sentiram as formas *eles têm*, *eles vêm* como paroxítonas. Para seus alunos, elas sempre foram monossílabos tônicos. Foi a partir dessa consideração de seus alunos e usuários do português que ele percebeu as semelhanças entre as formas *eles têm*, *eles vêm* e a regra das oxítonas:

Semelhança 1: em eles *têm*, eles *vêm*, *têm* e *vêm* são monossílabos tônicos e o Acordo inclui como oxítonos os monossílabos tônicos;

Semelhança 2: em eles *têm*, eles *vêm*, *têm* e *vêm* terminam em *-em*: *-em* é uma das terminações das oxítonas;

Semelhança 3: além disso, os derivados de ter e vir vão cair na regra das oxítonas. Na terceira pessoa do singular o *-em* leva acento agudo e na terceira do plural leva circunflexo: *ele detém*, *eles detêm*, *ele advém*, *eles advêm*.

Grapho acha que, do ponto de vista da retenção, associar as formas *eles têm*, *eles vêm* com a regra das oxítonas é muito mais pedagogicamente rentável para o estudante.

E foi noutro dia, com esse trabalho que ele vem realizando que ele pôde perceber que as únicas formas verbais oxítonas em português são *eles têm*, *eles vêm* e seus derivados. Toda vez que qualquer verbo estiver na terceira pessoa do plural e terminar em *-em* ele será paroxítono seja de que conjugação for: eles *partem*, eles *dancem*, eles *correm*. Grapho tem gostado muito de fazer esse trabalho de poder sentir melhor as características do corpoônico de sua língua.

Miniconto 6: *a terceira filha*

Com as terminações **a,e,o, em** das oxítonas na cabeça, Grapho sabe que pode gerar todas as outras regras. Até aqui gerou duas que são a cara da mãe já que são acentuadas por terminarem exatamente nas terminações **a,e,o,em**. Mas agora percebeu que num processo de associação contrastiva ou exclusiva, isto é, por contraste ou exclusão pode construir a regra das paroxítonas. A relação se faz assim: *as paroxítonas que não terminam em a,e,o,em são acentuadas*, isto é, as paroxítonas que não terminam nas terminações das oxítonas são acentuadas. Sabendo-se as terminações das oxítonas, Grapho pode inferir por contraste ou exclusão a regra das paroxítonas. Grapho achou muito legal poder fazer essa relação porque o número de terminações listado pela Gramática em relação às paroxítonas é grande e ele sempre esquecia alguma. Grapho é muito precavido e quis atestar se sua conclusão era mesmo real. Foi na Gramática e listou as 6(seis) seqüências de terminações das paroxítonas, transcreveu-as abaixo:

Acentuam-se graficamente as paroxítonas terminadas em:

- a)- r,l,n,x;
- b)- i,u seguidos ou não de –s;
- c)- um, uns;
- d) ditongo oral seguido ou não de -s
- e)- ã,ãs,ão,ãos;
- f)- ps.

Verificou cada uma das seqüências para ver se sua inferência estava correta. Pensou:

- Realmente, acentuam-se as paroxítonas que não terminam em **a,e,o,em seguidas ou não de –s** , ou seja, nas terminações das oxítonas. Analisando bem as letras finais das paroxítonas podemos concluir, que as únicas terminações que faltam aparecer na lista são justamente **a,e,o,em** que são as terminações das oxítonas. Agora com uma só justificativa pode explicar o porquê de se acentuarem as paroxítonas: acentuam-se as paroxítonas que não terminam em a,e,o,em. Começou a exercitar.

. Colocou acento gráfico em **CARÁTER, MÓVEL, HÍFEN, TÓRAX** porque são paroxítonas e não terminam em **a,e,o,em**;

. Colocou acento gráfico em **TÁXI, BÔNUS**, porque são paroxítonas e não terminam em **a,e,o,em**;

. Colocou acento gráfico em **PÔNEI**, porque é paroxítona e não termina em **a,e,o,em**;

.Colocou acento gráfico em , ÓRFÃ,ÓRFÃS,ÓRFÃO, ÓRFÃOS porque são paroxítonas e não terminam em **a,e,o,em**;

. Colocou acento gráfico em BÍCEPS, FÓRCEPS porque são paroxítonas e não terminam em **a,e,o,em**;

. Colocou acento gráfico em IGNORÂNCIA, CÁRIE, VÁCUO porque são paroxítonas e não terminam em **a,e,o,em**. Neste caso Grapho se lembrou de uma pergunta que sempre lhe faziam quando as palavras eram do tipo dessas anteriores. Os alunos achavam que elas terminavam em a,e,o. Grapho brincava dizendo que a palavra não era IGNORANÇA, CARE, VACO. Chamava atenção dos alunos que nesse tipo de palavra a terminação eram os ditongos crescentes IA,IE,UO. Os alunos se conscientizavam e dava tudo certo no final. O importante era observar a rentabilidade mnemônica da regra das oxítonas.

Miniconto 7: *a regra das paroxítonas e as quatro supressões do Acordo.*

Grapho é anticatastrófico. Ele não gosta de ficar alimentando o burburinho de que o Acordo chegou e mudou tudo. Como ele já vem lidando com a questão há muito tempo, ele sabe que ,por enquanto, muito poucas pessoas estão estudando o novo Acordo. E sabe também que muito poucas pessoas conheciam o antigo. Ao ter percebido que *não se acentuam as paroxítonas terminadas em a,e,o,em*, concluiu que o Acordo ortográfico suprimiu o acento gráfico justamente nos casos em que as palavras são paroxítonas e terminam em a,e,o,em. Grapho fez a listinha das quatro supressões e analisou cada uma para ver se sua conclusão estava certa.

Caso 1: suprimiu-se o acento gráfico agudo de EI,OI das palavras paroxítonas. Como por exemplo, ideia, alcaloide, paranoico. Grapho é também pesquisador e em sua pesquisa observou que as palavras paroxítonas que têm EI,OI na sílaba tônica em que o acento gráfico foi suprimido terminam justamente em a,e,o. Assim essas palavras entraram no “hall” das palavras paroxítonas que não levam acento gráfico por terminarem em a,e,o. Ele se lembrou de um caso que uma professora lhe contou. Essa professora disse para seus alunos que o acento gráfico de ei, oi nas paroxítonas tinha caído. Ela não havia percebido que o acento gráfico de ei, oi que caiu foi das paroxítonas terminadas em a,e,o. Assim ela e seus alunos acharam que *Méier* e *destróier* não tinham mais acento gráfico. Ela se enganou por causa de um simples detalhe: essas

palavras são paroxítonas, têm ei, oi na sílaba tônica, mas não terminam em a,e,o. Por isso continuam com acento gráfico.

Caso 2: suprimiu-se o acento gráfico circunflexo das formas paroxítonas CREEM, DEEM,LEEM,VEEM e seus derivados. Grapho percebeu que essas palavras terminam em *-em*. Agora as formas verbais CREEM,DEEM,LEEM,VEEM e seus derivados tais como *descreem*, *redeem*, *releem*, *reveem* entraram no “hall” das palavras paroxítonas que não levam acento gráfico por terminarem em *-em*.

Caso 3: suprimiu-se o acento gráfico circunflexo da primeira pessoa do presente do indicativo dos verbos terminados em *-oar*, por exemplo, VOO, ENJOO, MAGOO, POVOO. Essas formas são paroxítonas terminadas em *-o*. Assim essas palavras entraram no “hall” das palavras paroxítonas que não levam acento gráfico por terminarem em *-o*.

Caso 4: suprimiu-se o acento dos homógrafos paroxítonos listados abaixo:

Para (verbo) X para (prep.);

Pera (fruta) X pera (forma arcaica da prep. para);

Pelo (cabelo) X pelo (verbo pelar) X pelo (aglutinação de per+lo);

Polo (gavião menor de um ano) X polo (esporte) X polo (por + lo);

Todas essas formas são paroxítonas terminadas ou em *-a* ou em *-o*. Assim essas palavras entraram no “hall” das palavras paroxítonas que não levam acento gráfico por terminarem em *-a*, *-o*.

Grapho percebeu que as terminações das oxítonas graficamente acentuadas A,E,O,EM podem nos fazer lembrar das quatro supressões do Novo Acordo, essas supressões aconteceram justamente nas palavras paroxítonas terminadas em *a,e,o,em*.

Miniconto 8: *um motivo especial: o i e o u em hiato*

Grapho percebeu que até aqui um dos motivos que tem explicado o uso do acento gráfico é marcação da sílaba tônica de palavras proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas, dependendo de suas terminações.

Só para relembrar fez sua famosa listinha:

1)- em relação às proparoxítonas, todas são acentuadas graficamente;

2)- em relação às oxítonas, acentuam-se graficamente as terminadas em *a,e,o,em* seguidos ou não de *-s*;

3)- em relação às paroxítonas, acentuam-se graficamente as que não terminam em *a, e, o, em* seguidos ou não de *-s*.

Contudo há uma regra em que um elemento da palavra é acentuado graficamente independentemente de sua sílaba tônica e de suas terminações. É o caso de palavras como *saída, saúde, país, saía, viúvo, baú, aí, doído, balaústre, distribuí-lo*.

Neste caso, as terminações não são determinantes para exigirem acentuação gráfica. Se examinarmos as palavras atentamente, veremos que há na lista acima oxítonas terminadas em *i* e *u* como *aí, baú* que estão acentuadas graficamente e paroxítonas terminadas em *a, e, o* como *saída, saúde, viúvo* que levam acento gráfico. Por isso o motivo da acentuação gráfica, nesse caso, tem de ser diferenciado, discriminado. Ele é um motivo especial. Só assim se poderá entender o fato de oxítonas terminadas em *i* e *u* e paroxítonas terminadas em *a, e, o* serem acentuadas. *Desta forma, há um outro motivo para se acentuarem as palavras além da marcação da sílaba tônica Este motivo é marcar o hiato do i e do u sozinhos ou seguidos de -s com a vogal anterior.* Para deixar bem claro que o *i* e o *u* sozinhos ou seguidos de *-s* estão em hiato com a vogal anterior, separou a sílaba de cada palavra de sua listinha: *a-í, ba-ú, sa-í-da, sa-ú-de, vi-ú-vo, ba-la-ús-tre*. Diferenciar o motivo para entender a razão. Eis a questão!

Como está sempre preocupado com a retenção, Grapho percebeu que, também neste caso, a regra das oxítonas nos ajuda a lembrar a regra de acentuação do *i* e do *u* em hiato com a vogal anterior. O *i* e o *u* são as duas únicas vogais que faltam nas terminações (*a, e, o*) das oxítonas acentuadas graficamente. Por faltar lá, me lembro aqui. O *i* e o *u* em hiato com a vogal anterior marcam presença através da sua ausência entre as terminações das oxítonas.

Miniconto 9: *o motivo da acentuação gráfica*

Grapho, depois de ter escrito os minicontos anteriores, resolveu se distanciar do que vinha fazendo para tentar encontrar uma espécie de “motivo” que pudesse explicar porque nem todas as palavras da língua portuguesa são acentuadas graficamente. Foi aí que ele iniciou uma pesquisa em várias gramáticas normativas para ver se algum autor falava de alguma razão geral que pudesse justificar o fato de algumas palavras do português serem acentuadas graficamente e outras não. Encontrou o seguinte trecho na *Gramática fundamental da língua portuguesa* de Gladstone Chaves de Melo, em que o

autor fala do critério que presidiu à sistematização da acentuação gráfica feita pelo antigo Acordo. Era uma observação breve, mas que lhe abriu os horizontes para poder responder às suas inquietações sobre o “motivo” da acentuação gráfica. Gladstone diz:

*“Quanto à acentuação gráfica, é de notar que o critério que presidiu à sistematização foi simples e claro: verificadas as tendências fonéticas da língua, marca-se com sinal gráfico o que representar **exceção** ou **desvio**.*

*Aplicando: a maioria dos vocábulos portugueses é constituída de paroxítonos. Logo, em princípio eles não se acentuam graficamente: **claro, forte, caderno, livro, fortaleza**. Mas por isso mesmo, acentuam-se os proparoxítonos: **lépido, prática, tácito, câmara, ríspido, cúmulo, óbice, óculos, número, bêbado.**”*

Encontrou nesta observação o que procurava: o grande motivo de se acentuarem graficamente só determinadas palavras e não outras. E percebeu também que o Novo Acordo Ortográfico se utilizou do mesmo critério de sistematização. Fez um cartaz e escreveu em letras maiúsculas:

**A ACENTUAÇÃO GRÁFICA MARCA O DESVIO, A EXCEÇÃO
DAS TENDÊNCIAS FONÉTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA.**

De posse dessa informação, pôde explicar quase todos os casos de acentuação gráfica e conhecer as tendências fonéticas de nossa língua. Grapho é até hoje muito agradecido ao professor Gladstone Chaves de Melo pela conveniência reveladora da breve observação que fez em sua Gramática.

Como ele julgou muito importante o conhecimento desse motivo, resolveu escrever um miniconto para cada desvio e exceção das tendências fonéticas do português. Percebeu que se estudasse o número limitado de regras de acentuação gráfica, poderia obter revelações importantes sobre as tendências fonéticas da tonicidade de sua língua. Foi aí que concluiu que:

- o gráfico pode revelar o tônico;**
- o desvio pode revelar a tendência;**
- o escrito pode revelar o oral.**

Partiu para os outros minicontos.

Miniconto 10: *a esquisitona*.

Grapho, ao mesmo tempo que achava legal, ficava intrigado com o fato de *todas as proparoxítonas serem acentuadas graficamente*. Houve uma vez, quando era aluno, que chegou a perguntar a um professor de português a causa dessa unanimidade. Mas seu professor de português apenas lhe disse que regras eram regras e que deviam ser seguidas. Mas quando soube que o motivo da acentuação gráfica era marcar os desvios, as exceções das tendências da tonicidade de nossa língua, entendeu o porquê de todas as proparoxítonas serem acentuadas. Entendeu também porque elas são chamadas de *esdrúxulas*, isto é, esquisitas, extravagantes, excêntricas, fora dos padrões. Arrolou alguns argumentos para explicar porque as proparoxítonas são as grandes representantes do desvio da tonicidade da língua portuguesa. Primeiro ele pegou um dado da história que mostrasse que a língua portuguesa não tem como tendência tônica predominante fazer o acento recair na antepenúltima sílaba. Os proparoxítonos entraram no Português no século XVI e são empréstimos do latim clássico. Segundo, ele se utilizou de um dado quantitativo: as proparoxítonas são as palavras de menor número em português. Inclusive o VOLP (Vocabulário ortográfico da língua portuguesa) relata a seguinte pesquisa estatística sobre os proparoxítonos:

“As proparoxítonas, segundo os resultados estatísticos obtidos da análise de um corpus de 25.000 palavras, constituem 12%. Destes 12%, cerca de 30% são falsas esdrúxulas (cf. gênio, água, etc.) Dos 70% restantes, que são as verdadeiras proparoxítonas (cf. cômodo, gênero, etc.) , aproximadamente são palavras que terminam em -ico/-ica (cf. ártico, econômico, módico, prático, etc). Os restantes 41% de verdadeiras esdrúxulas distribuem-se por cerca de 200 terminações diferentes, em geral, de caráter erudito (cf. espírito, ínclito ,púlpito, filólogo, filósofo, esôfago, epíteto, pássaro, pêsames , fácilimo, lindíssimo, parêntesis, etc.)”

Terceiro, valeu-se de um fato linguístico muito usual na língua popular: os proparoxítonos são tão desviantes e excepcionais que a língua popular os torna paroxítonos, ex.: Petrópolis> Petrópolis; Teresópolis> Teresópolis; Xícara> xicra; Óculos>ócus.

Esdrúxulas! Esquisitonas! Desviantes! Proparoxítonas! Para isso marcar, graficamente devem todas se acentuar.

Miniconto 11- *a vez das oxítonas.*

Grapho sentiu seus horizontes se abrirem para o conhecimento do corpo tônico de sua língua , quando aderiu à tese de que os acentos gráficos marcam os desvios, as exceções das tendências tônico- fonéticas do Português. Foi a partir disso que:

- 1) ele percebeu que a tendência das palavras terminadas em *i* e *u* é serem predominantemente oxítonas: por exemplo, *todas* as formas verbais regulares da segunda e terceira conjugações na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo são oxítonas terminadas em – *i* ex.: *corri, parti, aplaudi, comi, aderi, vendi, bebi, fali, escrevi, cometi*, etc. Além do mais, é mais confortável para nossa língua colocar a acentuação tônica na última sílaba quando a palavra termina em *i* e *u*: *siri, Bangu, xixi, aqui, ali, javali, angu, exu, sagu*. Para marcar essa tendência de tonicidade de nossa língua não se acentuam graficamente as oxítonas terminadas em *i* e *u*.
- 2) percebeu que a terminação –*em* nas oxítonas deve ser acentuada graficamente, porque , essa terminação marca o desvio das tendências das palavras terminadas em –*em*. A grande maioria das palavras terminadas em –*em* é paroxítona, por isso, as paroxítonas terminadas em –*em* não levam acento gráfico: *nuvem, jovem, pajem* e o grande grupo de verbos que, todas as vezes, que tiverem a terminação –*em* serão necessariamente paroxítonos, essa é a tendência: *partem, voem, falem, aproximem, aproximem, creem, deem, leem, veem, descreem, sofrem, andem, etc*. Foi aqui que ele definitivamente entendeu porque as formas *eles têm, eles vêm* e seus derivados como *ele detém, eles detêm, ele contém, eles contém, ele advém, eles advêm* levam acento gráfico. É justamente para marcar a exceção , o desvio das tendências das palavras terminadas em –*em*. Essas são as únicas formas verbais oxítonas terminadas em –*em* na língua portuguesa.

Grapho, depois de ter percebido a razão que subjaz ao uso do acento gráfico compreendeu definitivamente o assunto e pôde perceber que o sistema de uso da acentuação gráfica é coerente e que os estudos dos gramáticos é fruto de longos anos de reflexão. Ficou satisfeito, ao constatar essa coerência. Afinal, ele sempre se sentiu um

pouco em dívida com ele e com seus alunos quando dava aulas de Português sem saber explicar alguns porquês do que se estava estudando.

Miniconto 12: *a terminação –AM*

Grapho, como já fez num conto anterior, vem investindo na idéia de que se sabendo a regra das oxítonas se pode conhecer a regra das paroxítonas: *acentuam-se as paroxítonas que não terminam em a, e, o, em*. Tudo corria bem, até o dia em que um de seus alunos lhe perguntou sobre a palavra *sobressaiam*. Grapho ficou com dúvida para responder. A pergunta do aluno procedia, porque *–am* não é *a,e,o,em* e a palavra não leva acento gráfico. Pela lógica do raciocínio contrastivo, as palavras paroxítonas terminadas em *–am* deveriam levar acento gráfico, já que *sobressaiam* é paroxítona e não termina em *–a*, *–e*, *–o*, *–em*. Depois de aparecida essa dúvida, palavras do mesmo tipo se sucederam, ou seja, formas verbais na terceira pessoa do plural: *falam, partam, calam, vibram, andam, dançam, devam, corram, aplaudam etc*, todas paroxítonas terminadas em *–am*, ou seja, paroxítonas não terminadas em *a,e,o,em*. Foi para casa com a dúvida na cabeça e procedeu a uma pequena pesquisa. Foi aí, que encontrou no Adriano da Gama Kury uma menção à terminação *–am* que dizia:

“Não se acentuam os paroxítonos terminados em –am,-em,-ens: foram, acordam, jovem,jovens, nuvem, nuvens, que são os vocábulos mais numerosos de nossa língua.”

Kury justifica a não acentuação das paroxítonas terminadas em *–am* pelo argumento da quantidade que é um dos argumentos usados para mostrar as tendências de nossa língua. A tendência da língua é demonstrada pelo fato de o maior número de palavras ser de determinado tipo. Mas isso ainda não deixou a situação clara. Foi quando Grapho leu o seguinte no texto do Novo Acordo Ortográfico da Língua portuguesa:

“ Os ditongos representados por uma vogal seguida da consoante nasal m são dois am e em. Divergem, porém, nos seus empregos:

*1)- am (sempre **átono**) só se emprega em flexões verbais: amam, deviam, escreveram, puseram;”*

Como sua preocupação era com o *–am* não copiou o que diz o texto do Acordo sobre o *–em*. Foi nessa citação que ele encontrou a solução para o problema. As palavras terminadas em *–am* são **sempre** verbos paroxítonos. A sílaba tônica nunca cairá no

–*am* pois essa terminação é átona, portanto não há nenhuma palavra oxítona terminada em –*am* em Português. Para mostrar que a tendência das palavras (verbos) terminadas em –*am* é serem sempre paroxítonas, as paroxítonas terminadas em –*am* não levam acento gráfico. De novo a tese de que o acento gráfico marca o *desvio* e a *exceção* foi a responsável por poder explicar um caso que causa dúvida a muita gente no estudo da acentuação gráfica.

Miniconto 12: *a tendência principal da língua portuguesa.*

Grapho tem o costume de fazer cartazes com as regras que lhe parecem reveladoras. Ele faz isso para chamar a sua própria atenção para os fatos marcantes da língua. Fez um cartaz com letras garrafais sobre a regra das paroxítonas:

NÃO SE ACENTUAM GRAFICAMENTE AS PAROXÍTONAS TERMINADAS EM A,E,O, AM, EM.

Não contente com o cartaz botou vários exemplos de paroxítonas terminadas em a,e,o,am,em sem acento gráfico: *casa,mala,arma, forte,contente, serpente, dedo, pelo, caso, cantam, dançam, vendam, partem, dancem, correm, etc.* Se deixasse, a lista seria infundável. É fácil arranjar exemplos de palavras paroxítonas não acentuadas graficamente por terminarem em *a,e,o,am,em*, pois essas palavras são as mais numerosas em português, elas são a tendência tônico-fonética principal de nossa língua. Para mostrar que elas são a tendência, elas não são acentuadas graficamente. A língua portuguesa é uma língua paroxitônica por excelência. A maior parte das palavras do português tem sua sílaba tônica na penúltima sílaba. É legal termos noção do todo sobre nossa língua. Grapho acha que esse é um saber que todo cidadão brasileiro que fala português deve ter. As línguas têm espírito e esse espírito se manifesta em seu corpo tônico. O espírito da língua portuguesa é paroxitônico e isso faz com que no corpo da maioria de suas palavras a acentuação recaia preponderantemente na sua penúltima sílaba.

Miniconto 13: *de volta às supressões.*

Muitos falam que o Acordo ortográfico veio para complicar. Mas Grapho acha que em relação à acentuação gráfica, ele foi muito criterioso nas supressões que fez. Ele seguiu a tendência fundamental da língua portuguesa que é a de não acentuar graficamente as

palavras paroxítonas terminadas em *a,e,o,em*. Agora com esses seus olhos mais holísticos percebeu que :

1)- quando o Acordo suprimiu o acento de *ei, oi (abertos)* que aparecem nas palavras paroxítonas, ele seguiu a tendência da língua portuguesa que é a de não acentuar graficamente as palavras paroxítonas terminadas em *a,e,o*. Pois toda vez que os ditongos *ei,oi* figuram na sílaba tônica da paroxítonas , essas paroxítonas terminam ou em *a,e,o*, ex.: *ideia, alcaloide, paranoico*;

2)- quando suprimiu o acento das formas verbais *creem,deem,leem,veem e seu derivados*, optou pela tendência paroxitônica de nossa língua , pois todas essa formas são paroxítonas terminadas em *-em*, portanto não devem ser acentuadas graficamente;

3)- quando suprimiu o acento circunflexo da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos terminados em *-oar , voo, abenço, perdo, coroo, corroo*, optou pela tendência paroxitônica de nossa língua , pois todas essa formas são paroxítonas terminadas em *-o*, portanto não devem ser acentuadas graficamente;

4)- quando suprimiu os acentos gráficos dos homógrafos :

Para (verbo) X para (prep.);

Pera (fruta) X pera (forma arcaica da prep. para);

Pelo (cabelo) X pelo (verbo pelar) X pelo (aglutinação de per+lo);

Polo (gavião menor de um ano) X polo (esporte) X polo (por + lo), optou pela tendência paroxitônica de nossa língua , pois todas essas formas são paroxítonas terminadas em *-a* ou *-o*, portanto não devem ser acentuadas graficamente.

Grapho sabe que já tinha escrito um conto sobre as supressões , mas resolveu voltar a elas, primeiro porque elas constituem as grandes mudanças do novo Acordo Ortográfico. Depois, porque quis chamar atenção para o fato de estas supressões terem sido feitas de forma criteriosa, já que respeitaram a tendência de não se acentuarem graficamente as palavras paroxítonas terminadas em *-a,-e , -o , -em*, por serem elas as mais numerosas em nossa língua.

Miniconto 14: *O entusiasmo de Grapho pela estratégia da exclusão e pelas supressões do Acordo Ortográfico.*

Grapho se entusiasmou muito , quando descobriu que poderia formular a regra das paroxítonas a partir da regra das oxítonas. Como ele já mostrou num conto anterior, sabendo-se a regra das oxítonas, isto é, *acentuam-se graficamente as palavras oxítonas terminadas em a,e,o,em*, pode-se inferir por exclusão ou por associação contrastiva , a

regra das paroxítonas: *não se acentuam graficamente as palavras paroxítonas terminadas em a,e,o,em*. Esse raciocínio e associação por contraste faz com que o estudante não precise decorar a lista de numerosas terminações das paroxítonas. Mas toda vez que ele se defrontava com palavras como, por exemplo: *ideia, assembleia, alcaloide, androide, heroico e introito*, ele ficava meio desanimado pois essas palavras são paroxítonas terminadas em a,e,o e antigamente levavam acento gráfico. Seus alunos lhe mostravam esse fenômeno e ele era obrigado a dizer que elas eram exceções à regra. O mesmo acontecia com *creem, deem, leem, veem e seus derivados*, pois essas formas são paroxítonas terminadas em *-em*, mas levavam acento gráfico. Seus alunos lhe mostravam esse fenômeno e ele era obrigado a dizer que elas eram exceções à regra.

O mesmo acontecia com as formas *voo, enjoo, magoo* pois essas formas são paroxítonas terminadas em *-o*, mas levavam acento gráfico. Seus alunos lhe mostravam esse fenômeno e ele era obrigado a dizer que elas eram exceções à regra.

O mesmo acontecia com os homógrafos *para(verbo)/para(preposição); pelo (cabelo)/ pelo (preposição); polo (extremidade)/ polo (preposição); pera (fruta)/ pera (preposição)* pois essas formas são paroxítonas terminadas em *-a, -o*, mas levavam acento gráfico. Seus alunos lhe mostravam esse fenômeno e ele era obrigado a dizer que elas eram exceções à regra.

A regra da exclusão estava ficando tão grávida de exceções que ele estava quase desistindo dela e mandando mesmo os alunos decorarem as terminações como faz o método tradicional. Eis que chega o novo Acordo Ortográfico e faz com que o acento gráfico dessas formas paroxítonas terminadas em *a,e,o,em* sejam suprimidos. Isso reanimou Grapho e fez com que ele tomasse algumas providências práticas que vão auxiliar até na alfabetização das novas crianças, ele resolveu que:

- 1)- insistirá na regra das paroxítonas obtida através do contraste com a das oxítonas, isto é, ***não se acentuam graficamente as paroxítonas terminadas em a,e,o,em;***
- 2)- palavras como: *casa, forte, caderno, jovem, ideia, alcaloide, paranoico, voo, enjoo, povoo, creem, deem, leem, veem, para (verbo), para (preposição), pelo (cabelo), pera (fruta), polo(esporte), polo (extremidade)* poderão aparecer num mesmo grupo e serão explicadas por um só motivo: “ ***não se acentuam graficamente as palavras paroxítonas terminadas em a,e,o,em;***
- 3)- defenderá como tendo sido coerentes as supressões propostas pelo novo Acordo, porque tais supressões tiveram como critério o fato de seguirem a tendência principal da tonicidade da língua portuguesa, a saber, *não acentuar graficamente as palavras paroxítonas terminadas em a,e,o,em por serem elas as mais numerosas em português.*

Além disso, essas supressões vieram ajudar a resolver um problema do seu dia a dia como professor. Grapho se entusiasmou muito

Miniconto 15: *o i e o u em hiato.*

A tese de que o acento gráfico marca o desvio, a exceção das tendências fonético-tônicas do Português iluminou bastante a compreensão de Grapho sobre o corpo tônico de sua língua. Foi a partir dessa tese que ele entendeu como desvio o fato de o *i* e o *u* serem graficamente acentuados quando formam hiato com a vogal anterior como em: *sa-í-da*, *vi-ú-va*, *sa-ís-te*, *ba-la-ús-tre*. A tendência fonético-tônica do *i* e do *u* em Português é serem semivogais, isto é, não serem a base das sílabas, é serem elementos marginais na sílaba como em *seu*, *sai*, *cai*, *mais*, *vai*, *mau*, *caule*, etc. No momento em que assumem o papel de vogal, ou seja, quando podem desempenhar a função de centro da sílaba formando hiato com a vogal anterior devem ser acentuadas graficamente para se mostrar que esse contexto tônico é desviante e excepcional. Como tudo ficou muito mais inteligível para Grapho depois desse esclarecimento de que o acento gráfico marca o desvio e a exceção das tendências fonético-tônicas de nossa língua! É por isso que ele não se cansa de repetir esse fato ao longo dos vários contos que escreve.

Miniconto 16: *de novo o i e o u.*

Grapho ficou raciocinando sobre o porquê de o Acordo Ortográfico ter suprimido o acento gráfico de *i* e *u* quando eles formam hiatos depois de ditongo em palavras paroxítonas como *boi-u-na*, *boi-u-no*, *bai-u-ca*, *cau-i-la*, *bo-cai-u-va*. Pensou: “ora o não uso do acento gráfico marca a tendência tônica da língua. Se se suprimiu o acento gráfico do *i* e do *u* em hiato depois de ditongo nas palavras paroxítonas é porque esse tipo de palavra deve representar algum tipo de tendência do Português.” Foi partindo de novo da premissa de que o acento gráfico marca o desvio, que ele concluiu que esse tipo de contexto, isto é, o *i* e o *u* em hiato depois de ditongo nas paroxítonas só ocorre em paroxítonas terminadas em *a* ou *o*, isto é, justamente naquelas em que não se deve usar o acento gráfico porque as palavras paroxítonas terminadas em *a*, *e*, *o*, em constituem a tendência fonético-tônica da língua portuguesa. De novo aqui, ele percebeu que o Acordo Ortográfico teve critérios qualitativos para fazer as supressões. Pôde observar: toda vez que o *i* e o *u* estiverem em hiato depois de ditongos nas palavras paroxítonas,

essas palavras paroxítonas terminarão em *a* ou *o*. Enquanto muita gente malha as mudanças do novo Acordo Ortográfico, Grapho não as acha tão infundadas assim. É lógico que ele questiona essa ideia de unificação, porque ele sabe que muitas diferenças entre o uso dos países que assinaram o Acordo foram ignoradas, mas em relação ao uso da escrita padrão do português do Brasil, ele crê que as mudanças tiveram fundamento.

Miniconto 17: *os oxítonos em ei,eu,oi*

Grapho sabe que muita gente está dizendo por aí que o acento gráfico de *ei,eu,oi* caiu. Ele vive explicando que não é bem assim:

- 1) o acento gráfico que foi suprimido foi o de *ei, oi* nas paroxítonas: *ideia, alcaloide, paranoia, heroico*. Não há paroxítonas em português com o ditongo *eu* aberto na sua sílaba tônica;
- 2) o acento gráfico agudo de *éi,éu,óisseguidos ou não de -s* nas oxítonas se manteve: *pastéis, céu, anéis, chapéu, ilhéus, corrói, herói*.

Voltando para sua tese de que o acento gráfico marca o desvio, Grapho pensou: as oxítonas terminadas em *ei,eu,oi* abertos devem representar algum desvio das tendência da Língua Portuguesa, se elas isso não representassem não deveriam levar acento gráfico. Foi aí que se lembrou de uma conversa que teve com o Professor José Pereira da Silva da UERJ. Esse professor lhe mostrou que a tendência de *e* e *o* antes de *i* e *u* é serem fechados nas oxítonas. O *i* e o *u*, por serem vogais fechadas, fecham o *e*, *o* como em: *andei, cantei, andeis, canteis, correis, correu, leu, creu, foi,oi, boi, bois, deu, comeu, apogeu, prometeu, vendeis, vendei, etc*. Para mostrar que o *ei,eu,oi* abertos nas oxítonas é um desvio, mantiveram-se seus acentos gráficos. Grapho agradece muito ao professor José Pereira da Silva.

Miniconto 18: *sucata mnemônica*.

Grapho sabe que por mais que a gramática tente disciplinar os fatos linguísticos, há casos difíceis de se explicar. Muitas vezes esses casos não podem ser mudados por causa do uso. Grapho está consciente também que toda ciência seja ela exata ou humana reserva um compartimento para os casos que escapam das explicações lógicas em que os estudos procuram fundar suas teses. Grapho criou esse espaço e a ele deu o nome de *sucata mnemônica*. Grapho gosta muito de uma citação de Holmes que explica essa

tendência da ciência. Essa citação mostra que, ao mesmo tempo em que é impossível disciplinar 100% dos casos, é importante se trabalhar um valor que possibilitará dar conta de sua maioria. Eis a citação:

“ Já foi demonstrado (Wason,1968) que na vida real tem sido sempre mais atraente justificar nossas hipóteses na construção das teorias, em vez de tentar refutá-las. Logicamente, a melhor forma de tratar uma nova teoria é tentar encontrar contra-exemplos ou exceções, mas essa maneira mais lógica e racional é pouco usada nas pesquisas científicas. O cientista protege sua teoria!

*Alguns exemplos específicos podem ser citados. O estudo de Holton sobre Millikan e Ehrenhaft (1980:50) mostra isso. Por volta de 1910 , Millikan e Ehrenhaft estavam interessados em medir a carga do elétron. Millikan seguiu a predição de Rutherford quanto ao valor provável da carga, **descartou a parte de seus resultados que mostravam desvio do valor provável.** Esses resultados, ele deve ter pensado, são produto de erro. Ehrenhaft, por outro lado, tentando tarefa semelhante, viu-se com uma massa de informações conflitantes. Registrou **tudo**, mesmo os dados que podem ter sido resultado de erro: estava sendo meramente um anotador objetivo dos fatos, **mas seus resultados levaram à confusão.** A conclusão “honestá” de Ehrenhaft levou-o a crer que havia partículas que carregavam o dobro da carga do elétron, bem como partículas que carregavam cargas menores, até um milésimo daquela do elétron. **Suas conclusões não levaram a nada, simplesmente à confusão.** O valor de Millikan, “trabalhado” para dar **um erro de menos de um por cento, foi útil como base para outros cálculos da Física atômica.** Ehrenhaft morreu na obscuridade; Millikan recebeu o Prêmio Nobel.*

(HOLMES, John, Ensinando professores a ler: o problema da compreensão de textos acadêmicos in Cadernos PUC nº 16, Lingüística. EDUC- CORTEZ EDITORA, São Paulo, 1983.)

Para três casos Grapho não conseguiu arrumar explicação, nem pela tese do desvio:

- 1) a manutenção do acento gráfico na forma PÔDE (pret.perf.) para diferenciar de PODE (presente). Ambos são paroxítonas terminadas em *e*. Não deveriam, portanto, levar acento gráfico. Ademais o contexto faz a diferença.
- 2) a manutenção do acento gráfico na forma PÔR (verbo) para diferenciar de POR (preposição).
- 3) a manutenção do acento gráfico no *i* e no *u* nas palavras oxítonas quando eles estão em hiato com um ditongo: ex.: PIAUÍ, TEIÚ.

Mas como são só três casos, Grapho os decora. Quem tiver uma explicação legal para esses casos mande um e.mail para o site www.profmauriciodasilva.pro.br. O professor Maurício se incumbirá de transmitir a mensagem a Grapho.

Miniconto 19: *Saldo conclusivo*

Com o estudo que realizou, Grapho concluiu que:

a) há apenas **5(cinco)** regras de acentuação gráfica e essas cinco regras são explicadas por um mesmo e único motivo, *o acento gráfico é usado para marcar que houve um desvio das tendências da tonicidade do português*:

- 1- todas as palavras proparoxítonas: ex.: lâmpada;
- 2- as palavras oxítonas terminadas em a,e,o,em seguidas ou não de -s: pá (s), pé(s), pó(s), cajá(s), café (s), cipó(s), cantá-la, fazê-lo, compô-la, eles têm, eles vêm, ele detém, eles detêm, ele convém, eles convêm, armazém, armazéns;
- 3- as palavras paroxítonas que não terminam em a,e,o,em seguidos ou não de -s: caráter, móvel, hífen, tórax, álbum, albuns, cáqui, táxi, órfã, órfãos, bíceps, fórceps, pônei, blêizer, destróier;
- 4- o *i* e o *u* sozinhos ou seguidos de -s em hiato com a vogal anterior: saída(s), saúde, saí, balaústre(s), viúva (s), atraí-lo, contraí-las;
- 5- éi,éu,oi seguidos ou não de -s nas *oxítonas*: ex.: pincéis, anéis, batéis, fiéis,papéis, céu(s), chapéu(s), ilhéu(s), véu(s), herói(s), sóis;

b) foram feitas cinco supressões em favor da tendência principal da tonicidade do português, isto é, caíram os acentos das palavras *paroxítonas* terminadas em *a,e,o,em*:

- 1- os ditongos abertos *ei,eu,oi*: ex.: *ideia*, *plateia*, *androide*, *heroico*, *intróito*;
- 2- o *e* das formas *creem,deem,leem,veem* e seus derivados;
- 3- o *o* das formas *voe, enjoo, povoo, magoo*;
- 4- os homógrafos: *para / para, pela/pela,pelo/pelo*;
- 5- o *i* e *u* em hiato depois de ditongo, ex.: *cauila*, *boiuno*, *boiuna*, *bocaiuva*;

c) três exceções:

- 1-pôde (pret. perfeito) X pode (presente);

2- pôr (verbo) X por (prep.);

3- o i e o u depois de ditongos nas *oxítonas*: ex.: *Piauí, teiú,teiús,tuiuiú,tuiuiús*.

Grapho concluiu que do estudo da acentuação gráfica deriva um outro conhecimento importante para todo usuário do português: o conhecimento do corpo e do espírito tônicos de nossa língua.

Miniconto 20: *k,w,y*

Grapho não gosta muito que digam que o *k,w,y*, voltaram a ser usados na língua portuguesa. Grapho sabe que eles nunca deixaram de existir. O que voltou à tona é que quando o alfabeto tiver que ser recitado, ou usado como sequência enumerativa, essas

letras deverão aparecer no antigo lugar que ocupavam:

- 1) o *k* deverá vir depois do *j* e antes do *l*: *j,k,l*;
- 2) o *w* deverá vir depois *v* e antes do *x* : *v,w,x*;
- 3) o *y* deverá vir depois do *x* e antes do *z*: *x,y,z*.
- 4) assim as 26 letras do alfabeto são: *a,b,c,d,e,f,g,h,i,j,k,l,m,n,o,p,q,r,s,t,u,v,w,x,y,z*.

Elas como já se disse anteriormente devem ser usadas na sequência de uma enumeração: a),b).c),...h),i),j),**k**), l), ...t),u), v), **w**), x),y),z).

Ainda no tempo em que Grapho era professor, ele pedia a seus alunos para recitarem o alfabeto incluindo o *k,w,y*. Sabe que muitos de seus alunos se enrolavam para localizar o lugar do *w* no alfabeto? Muitos achavam que o *w* vinha depois do *u*. Grapho só conseguia tirar essa dúvida de seus alunos dizendo que o *w* também pode ser chamado de duplo *v*, portanto ele vem depois do *v* simples. Ademais chamava atenção para o desenho do *w* em letra de fôrma, que se desenha como um duplo *v*, e mostrava o *v* duplo em letras garrafais: **W**. Foi o recurso que usou para sanar a dúvida e situar o *w* depois do *v*.

Miniconto 21: *k,w,y*.

Grapho mostrava a seus alunos que o *k,w,y* não mudaram de função. O denominador comum de seu uso é estarem a serviço das palavras estrangeiras que, inevitavelmente, estão e sempre estarão presentes em nossa e nas outras línguas. Fez umas rimas para desses nomes falar:

Como de *Kant* falar

sem com o seu *K* grafar.

O filósofo foi registrado assim

não há como mudar.

o seu *kantismo* e os *kantianos* com *k*

também vou grafar,

para sua identidade preservar.

De *Taylor*, *taylorismo* e *taylorista*

o *y* não posso tirar.

E da pronúncia estrangeira vou me aproximar

e *ay*, *ei* vou pronunciar.

O macaco não ia gostar,

se de *Darwin*, *darwinismo*, *darwiniano*

O *w* eu tirar.

As baratas vão se transformar

se no *Kafka* tão *kafkiano*

o *k* eu não colocar.

O que dirão os *kawaitianos* se de

seu *Kuwait*, o *K* e o *w* tirar?

As medidas internacionais e suas siglas

são grafadas como na sua língua de origem

em todo lugar:

K é potássio;

W é oeste,

kg é quilograma,

km é quilômetro;

kW é kilowatt,

yd é jarda.

Por que em Português deveria isso mudar?

O *k,w,y* estão na língua portuguesa para suas

estrangeiras identidades preservar.

Outra influência dos estrangeiros em Português

é suas escritas peculiares preservar.

É estranho, mas *shakespeariano* com

sh e *k* deve-se grafar, porque se não

Shakespeare na sua tumba vai se virar!
Se sigo um principio teórico baseado em *Comte*
comtista com *m* antes de *t* devo grafar
se não , vai dar a impressão que vivo de contos contar.
É certo que o trema caiu, mas
mülleriano derivado de *Müller*
com dois *ll* e trema devo ortografar
para suas identidades preservar.
Nomes próprios, siglas e escritas peculiares
das línguas estrangeiras,
por suas grafias vou optar,
para suas origens e identidades conservar.

Depois das rimas quis fazer dois lembretes:

- 1) a prova cabal de que o *k,w,y* passaram a fazer parte do alfabeto é que agora , els são usados nas sequências enumerativas. Assim: a),b),c),d)...i),j),**k**, l, m, n, t), u), v), **w**, x), **y**, z;
- 2) *k* é sempre consoante, *w* soa como vogal nas palavras de origem inglesa: whisky, show; soa como consoante nas palavras de origem alemã: Wagner, wagneriano; *y* soa como vogal: yard(jarda); yen (moeda do Japão), Paraty.

Miniconto 22: *as maiúsculas*

Grapho sempre se perguntava qual seria o motivo que subjaz ao uso das maiúsculas em português. Sempre achou que grafar as palavras com maiúscula era um direito de qualquer um quando alguém quer chamar a atenção para alguma palavra num texto. Mas sabia que havia algumas regras gramaticais que deveriam ser respeitadas em qualquer texto, mesmo quando o objetivo não era chamar a atenção. Foi aí que intuiu que o que subjaz ao uso gramatical das maiúsculas é o que é próprio, específico do ser humano, isto é, aquilo que se relaciona com gente. A maiúscula é coisa de gente. Gente maiúscula, maiúscula na gente.

- 1) os nomes próprios de *GENTE*, que são tão nossos, a nós tão caracteriza que devemos grafá-los com maiúsculas, estejam eles no início, no meio ou no fim da frase. Os nomes da gente nos são próprios e nos caracterizam a cada um, por

isso, maiúscula em : *Ana, Mauro, Carlos, José, Maria, Catarina, Josefina, Carolina, Serafina* e até na *Gasolina* caso alguma mãe incendiária tenha colocado esse nome em sua filha; *Adamastor, Neptuno, Branca de Neve, etc.*

- 2) os lugares da *GENTE* também nos são próprios ,nos situam, nos localizam: *Niterói, Cascadura, Méier, Madureira, Santa Cruz, Rio de Janeiro, América do Sul, Atlântida, Rua Alcides Figueiredo, Praça da Cruz Vermelha.* Assim maiúsculas nos lugares da gente;
- 3) nas instituições da *GENTE*, afinal por nós foram fundadas e nos são próprias, algumas vezes até nelas trabalhamos: *Universidade Federal Fluminense, Instituto de Pensões e Aposentadoria da Previdência Social, Academia Brasileira de Letras.* Portanto maiúsculas nas instituições da gente.
- 4) nas festas e festividades da *GENTE*: *Natal, Carnaval, Dia das Mães, Dias dos Pais, Páscoa.* Nelas celebramos o tempo da gente. Só nós, seres humanos, reservamos determinados dias para celebrar momentos importantes.

Grapho ficou chocado quando o acordo Ortográfico permitiu que os nomes que designam domínios do saber possam ser escritos com letra minúscula também. A gente os sente tão ligados a nós que temos vontade de escrevê-los sempre com maiúscula. É difícil para Grapho escrever língua portuguesa com letra minúscula. Ele vai sempre optar pela maiúscula, porque ele sente que a língua é coisa tão de gente que com maiúscula *Língua Portuguesa* prefere grafar.